

Jeanine Moscone De Miranda

jeanine_ie@hotmail.com

<http://orcid.org/0009-0007-6247-3072>

Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Rondônia

Neffretier Cinthya Rebello Andre dos Santos Clasta

neffretier@unir.br

<http://orcid.org/0009-0007-6247-3072>

Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Rondônia

Neffretier Cinthya Rebello Andre dos Santos Clasta

fabio.depsi@unir.br

<http://orcid.org/0009-0007-6247-3072>

Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Rondônia

A aliança terapêutica na psicoterapia on-line: uma revisão sistemática de literatura

RESUMO

A aliança terapêutica (AT) é um construto universal em todas as psicoterapias, independente da abordagem psicológica utilizada pelo psicoterapeuta. Este artigo teve como foco a aliança terapêutica na psicoterapia *on-line*. Estudos vêm evidenciando os impactos da aliança terapêutica no processo psicoterápico, sendo esse um dos fatores essenciais para a qualidade dos diversos tipos de tratamentos psicoterapêuticos. Foi realizada uma revisão sistemática de literatura, com o objetivo de identificar e analisar pesquisas produzidas no Brasil acerca da temática proposta. Foram selecionados oito estudos que contemplam os critérios de inclusão dessa revisão. A revisão de literatura indica que atualmente são escassas as pesquisas no Brasil sobre a AT na psicoterapia *on-line*. E todos os estudos apresentados demonstram que é promissora a possibilidade de estabelecimento da AT nos atendimentos remotos, entretanto, boa parte dos materiais obtidos recomendam maiores investigações acerca dessa prática.

PALAVRAS-CHAVE: aliança terapêutica; psicoterapia *on-line*; revisão de literatura.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como foco a aliança terapêutica na psicoterapia on-line. Estudos vêm evidenciando os impactos da aliança terapêutica no processo psicoterápico, sendo esse um dos fatores essenciais para a qualidade dos diversos tipos de tratamentos psicoterapêuticos (MARCOLINO; IACOPONI, 2001; OLIVEIRA; BENETTI, 2015; MACHADO; EIZIRIK, 2016; PIETA; GOMES, 2017). A aliança terapêutica é um construto universal em todas as psicoterapias, independentemente da abordagem psicológica utilizada pelo psicoterapeuta (CORDIOLI, 2008).

No que diz respeito às psicoterapias, Cordioli (2008) aponta diversas psicoterapias existentes (psicoterapias psicanalíticas, de apoio, comportamentais, cognitivas comportamentais e psicoterapias centradas na pessoa). O autor narra como cada vertente psicológica pode conduzir os processos psicoterapêuticos e afirma que a aliança terapêutica será um dos elementos fundamentais para que as psicoterapias tenham possibilidade de êxito.

A possibilidade de êxito em psicoterapia pode ocorrer quando existem objetivos psicoterapêuticos estabelecidos entre psicoterapeuta e cliente, confiança mútua e empatia bem como a definição das atividades que serão realizadas em prol dos objetivos fixados entre a dupla (paciente/psicoterapeuta). A formação da aliança terapêutica nesse sentido é vista como um fator comum nas psicoterapias, e é um constructo sólido já fundamentado em vasta literatura e um ponto convergente em todas as psicoterapias (HORVATH, 1994). Cada vertente psicológica apresenta um olhar sobre a AT.

Nas psicoterapias baseadas nas teorias psicanalíticas, Cordioli (2008) ressalta que a aliança se constituirá a partir das repetições das sessões, através da relação de transferência que ocorre por parte do paciente. No que diz respeito ao estabelecimento da transferência em psicanálise, Freud (1996) demonstra que se não existir a transferência por parte do paciente ao psicanalista, a impossibilidade de realização do processo terapêutico é iminente. Logo, a aliança terapêutica não será estabelecida. No viés psicanalítico, o paciente irá direcionar para o terapeuta pensamentos e sentimentos que são voltados de forma original para pessoas significativas do passado do paciente. Estes conceitos se originam da teoria Freudiana sobre a transferência no setting analítico (FREUD, 1996). Ao longo do texto o verbo informar é utilizado muitas vezes. Sugiro a utilização de sinônimos.

Nas psicoterapias de apoio, Cordioli (2008) afirma que é estabelecido um bom vínculo na relação terapêutica, quando o psicoterapeuta realiza a manutenção da transferência positiva que o paciente direciona ao psicoterapeuta. Tais pressupostos advêm igualmente dos conceitos Freudianos sobre a transferência na clínica psicanalítica (FREUD, 1996). Nas terapias comportamentais, o que possibilitará uma boa aliança terapêutica será o nível de motivação para adesão do tratamento, bem como, boas habilidades em levar adiante as tarefas estabelecidas em comum acordo com o terapeuta (CORDIOLI, 2008). De acordo com Ribeiro (2019), muitos autores levaram em conta a aliança terapêutica nas psicoterapias de bases comportamentais como um fator central para a execução de procedimentos comportamentais, tais como: a modelagem e o reforço positivo. Tais procedimentos podem auxiliar nos objetivos estabelecidos entre a dupla terapêutica para o êxito nas demandas do cliente.

Nas psicoterapias cognitivas, existe a premissa de que, para um bom estabelecimento da aliança terapêutica, é necessário um trabalho colaborativo mútuo entre a dupla, conceito denominado de “empirismo colaborativo”. Tal conceito é

preconizado por Beck, Rush, Shaw e Emery (1979). Os autores afirmam que, no empirismo colaborativo, o terapeuta deve apresentar um humor gentil nas sessões, bem como, terapeuta e cliente, devem trabalhar em conjunto, como uma equipe de investigação. Além disso, é fundamental que, para que o empirismo colaborativo aconteça e, conseqüentemente, a aliança terapêutica seja estabelecida, o terapeuta em Terapia Cognitivo Comportamental (TCC) adeque todas as atividades propostas, pensando na individualidade de cada cliente.

Por fim, a abordagem centrada na pessoa preconiza que uma boa relação terapêutica é fundamentada pela compreensão mútua entre a dupla (paciente/terapeuta), tolerância entre ambos, respeito e aceitação (ROGERS, 1977). Percebe-se que, apesar das abordagens psicológicas apresentarem diversas e diferentes técnicas de aplicação e manejo em psicoterapia, os olhares que essas teorias apresentam sobre a aliança terapêutica enunciam muitas similaridades e coesão.

Logo, compreende-se a aliança terapêutica como um elemento fundamental nas psicoterapias. No relacionamento do cliente com o terapeuta, independente da sua abordagem ou linha de trabalho, a aliança terapêutica é um meio de avaliar a qualidade, a evolução e o desfecho do serviço psicoterapêutico (BOTELLA; CORBELLA, 2011; HORVATH; LUBORSKY, 1993). Para que esse acordo se estabeleça, é importante que o cliente e o psicólogo estejam cientes e de acordo sobre os objetivos estabelecidos nos serviços, além de se basear em um relacionamento de confiança e empatia essenciais para ser estabelecido um bom vínculo (BOTELLA; CORBELLA, 2011).

A qualidade do serviço psicoterapêutico se classifica à medida em que o psicoterapeuta busca estratégias com foco nos objetivos estabelecidos junto ao paciente. Cada estratégia será pensada de acordo com a teoria psicológica que esse profissional utiliza em seu trabalho. A evolução no serviço psicoterapêutico ofertado é vista conforme terapeuta e cliente percebem que os objetivos fixados pela dupla estão sendo cumpridos e que o paciente/cliente apresenta ganhos, a partir da queixa estabelecida nos primeiros encontros. Já o desfecho pode ser visto quando terapeuta e cliente identificam que os objetivos acordados foram alcançados dentro do serviço psicoterapêutico (NUNES et al., 2019).

A partir do exposto, a aliança terapêutica constitui-se também à medida que psicoterapeuta e paciente estabelecem uma relação de trabalho visando o avanço do processo psicoterapêutico: o paciente, investindo suas particularidades, anseios, expectativas, dentre outras nuances subjetivas ao psicoterapeuta, e este conduzindo-se de acordo com o que é investido a ele, pautado de conduta ética e técnica no que toca ao manejo clínico de seus pacientes (NUNES et al., 2019).

Observa-se que a aliança terapêutica é um dos elementos primordiais da psicoterapia. Para Gillièreson (1986), a psicoterapia tem início quando o médico passa a fazer uso da relação médico-paciente visando uma finalidade terapêutica. Completa ainda afirmando que, em psicoterapia, o médico dispõe a si mesmo como medicação de seu paciente. O referido autor parte da premissa de que a relação psicoterápica será pautada na renúncia a reagir em um desejo de entender, o médico irá adequar sua ação que tem do comportamento do paciente. Dessa forma, é compreendido que o termo “médico” é discutido pelo autor, no que diz respeito ao profissional que realizará a psicoterapia, ou seja, o psicoterapeuta.

Segundo Peres (2009), a precursora na definição do conceito de aliança terapêutica é a psicanalista norte-americana Elisabeth Zetzel. O autor elucida que a psicanalista em questão preconiza esse conceito como: “[...] uma relação de trabalho que se estabelece

entre paciente e psicoterapeuta em prol do processo psicoterapêutico” (PERES, 2009, p. 384).

De acordo com Oliveira e Benetti (2015), é extremamente desafiador generalizar os tipos de alianças que podem ser formadas, bem como os resultados da psicoterapia, pois são vastas as características relacionadas ao psicoterapeuta e ao paciente. Para os autores, não há um perfil de psicoterapeuta que seja mais efetivo para todos os tipos de pacientes. Entende-se, a partir desse prisma, que independe o perfil e abordagem do psicoterapeuta para o estabelecimento da AT, o que dará os contornos dessa aliança entre paciente e psicoterapeuta são as particularidades constituintes da dupla.

Para os autores Eizirik, Aguiar e Schestatsky (2015), a aliança terapêutica é concebida entre a dupla quando se há intenção de cooperação mútua. Espera-se que, quanto maior a qualidade dessa aliança, maiores sejam os resultados. Para os autores mencionados acima, a aliança terapêutica pode ser compreendida com o que denominam de uma “união de forças” rumo à melhora do paciente: “[...] pesquisas demonstraram que os resultados positivos nas psicoterapias, e aqui se incluem todas as formas de terapias, dependem diretamente do estabelecimento de uma AT de boa qualidade” (EIZIRIK, AGUIAR, SCHESTATSKY, 2015).

A aliança terapêutica diz respeito ao estabelecimento de um bom vínculo, ou seja, um relacionamento estendido entre a figura do psicoterapeuta e seu paciente durante o percurso da psicoterapia. Tem-se o entendimento que sem o estabelecimento dessa relação de vinculação, existe a possibilidade de ruptura no tratamento psicoterápico. Cordioli (2008) afirma que aliança terapêutica está presente não só em todos os moldes de psicoterapia, como igualmente é componente de qualquer relação médico-paciente, dado que o paciente sempre apresenta expectativas racionais e irracionais e terá aderência ao tratamento à proporção que estabelece um vínculo com o seu médico.

Compreende-se que o vínculo é um fator importante para o estabelecimento da aliança terapêutica. Por meio do que foi exposto acima, pensando no processo de vinculação em uma relação, Bowlby (2002) ressalta que o vínculo será um apego, no qual ocorre a sensação e percepção de segurança que está diretamente ligada a essa figura de apego. Confirma ainda, esclarecendo que no relacionamento com a figura de apego, tal segurança e conforto sentidos possibilitam que exista uma “base segura”, na qual permitirá ser experimentada pela pessoa em outras relações. (Bowlby 2002)

Para Bowlby (2002), o apego é uma forma de vínculo social pautado na relação complementar que ocorre entre pais e filhos. Bowlby (1989) ressalta que o apego terá sempre uma motivação interna, que difere da alimentação, por exemplo, mas que é de suma importância para o desenvolvimento da subjetividade dos indivíduos. Partindo dessas pontuações, compreende-se o vínculo de suma importância para as relações estabelecidas, nos núcleos sociais nos quais estamos inseridos. Esse vínculo estende-se ao estabelecimento da aliança terapêutica em psicoterapia, objeto deste estudo.

Considerando o que foi discutido até aqui, o presente trabalho buscou identificar produções brasileiras que investigassem a aliança terapêutica on-line. Espera-se, dessa forma, contribuir para a compreensão desse elemento primordial do processo psicoterápico no contexto on-line para as práticas dos profissionais de psicologia em nosso país, bem como auxiliar os acadêmicos de psicologia em formação a ampliarem seus conhecimentos acerca do que os estudos brasileiros têm apontado sobre a aliança terapêutica on-line.

METODOLOGIA

Para este artigo, buscou-se identificar produções brasileiras que investigassem a aliança terapêutica on-line. Enquanto método, foi realizada uma revisão sistemática de literatura. Galvão e Ricarte (2019) pontuam que essa modalidade de revisão segue procedimentos específicos que busca dar fundamento ao que chama de grande “corpus documental”. Para a realização de uma revisão sistemática, alguns passos são necessários: delimitação da questão, seleção das bases de dados, estratégia de busca, seleção e sistematização (GALVÃO, RICARTE, 2019).

Para este artigo, apresentamos uma questão norteadora: o que as produções brasileiras apontam sobre a aliança terapêutica na psicoterapia on-line? As bases de dados escolhidas para a revisão foram: Google Acadêmico, Portal da BVS, Portal da Capes, Scielo e Pepsic. Os descritores utilizados enquanto estratégia de investigação foram "aliança terapêutica" e “psicoterapia on-line”. O período selecionado para a seleção e sistematização de materiais foi de janeiro de 2013 a fevereiro de 2023.

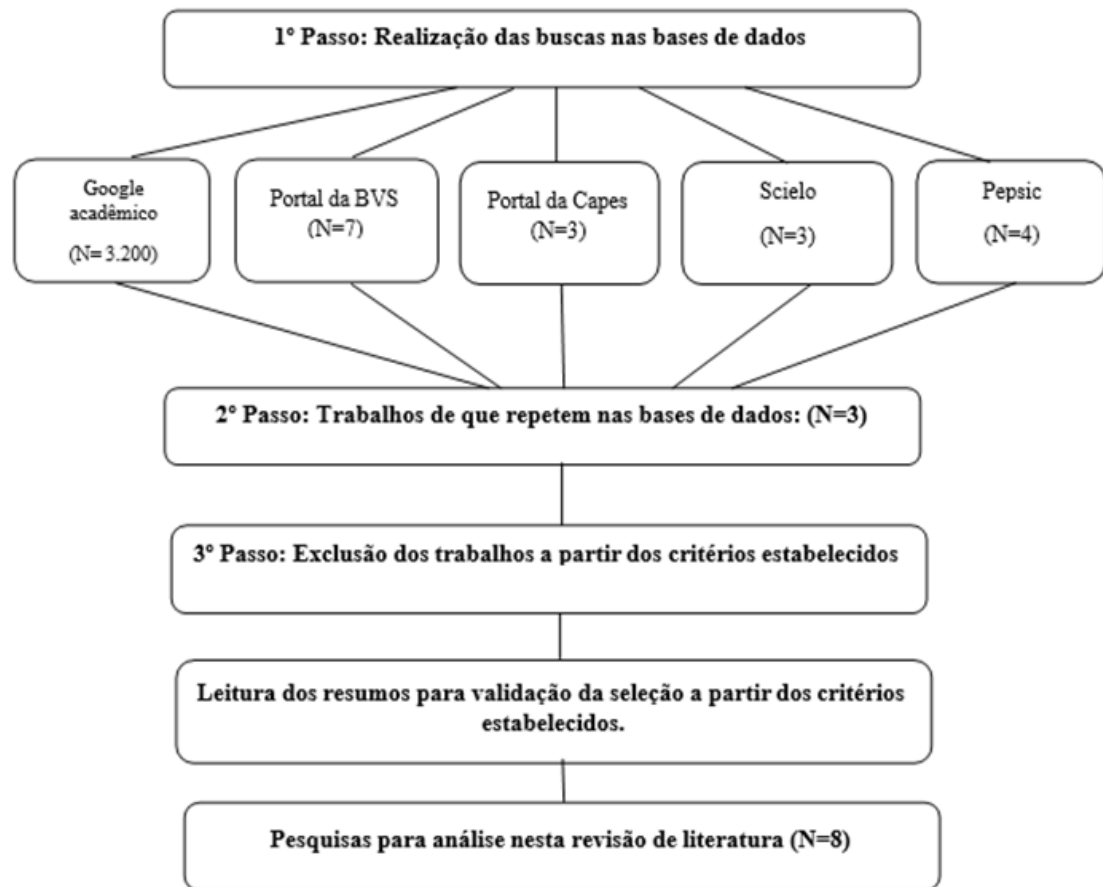
2 Critérios de Inclusão

As pesquisas foram incluídas de acordo com os seguintes critérios:

- a) Modalidade da psicoterapia do estudo: optou-se por incluir estudos que compreendessem a psicoterapia on-line ocorrendo de forma síncrona ou assíncrona;
- b) Foco do estudo: foram incluídos estudos que tivessem como foco principal a aliança terapêutica no processo psicoterápico on-line;
- c) Estudos disponíveis: optou-se por incluir somente estudos com textos completos, no formato on-line;
- d) Idioma: foram incluídos estudos publicados em língua portuguesa;
- e) Região dos estudos: foram incluídos estudos realizados no Brasil.

A figura a seguir apresenta os procedimentos realizados para a seleção do material.

Figura 1 – Critérios de seleção dos estudos



Fonte: elaboração própria, 2023.

RESULTADOS

Apresenta-se na tabela 1 a organização dos estudos, os quais estão divididos em cinco categorias: autores do estudo; ano de publicação; abordagem psicoterápica; modelo de tratamento e objetivos do estudo.

Tabela 1 – Principais informações das pesquisas identificadas

Autores e Ano	bordagem do tratamento	Modelo de tratamento	Objetivo do estudo
PIETA, 2014	Psicoterapia Psicanalítica	Realizar 12 sessões de Psicoterapia Psicanalítica	Comparar doze sessões de psicoterapia psicanalítica via <i>Skype</i> com doze sessões de psicoterapia presencial
RODRIGUES, 2014.	Psicoterapia Psicanalítica	Realizar até 16 sessões de psicoterapia breve focal	Analisar se ocorreria construção de aliança terapêutica em atendimento psicoterápico realizado por meio da <i>internet</i>
FARIA, 2019.	Gestalt-Terapia	Psicoterapia breve com no máximo 25 sessões	Descrever e caracterizar o vínculo terapêutico na psicoterapia breve gestáltica
VIDAL; CASTRO, 2021.	Psicodrama	Psicoterapia breve de cinco sessões	Compreender como se desenvolve o vínculo psicoterápico no psicodrama bipessoal <i>on-line</i>
NERY, 2021.	Psicodrama	Foram analisadas sessões de psicoterapia nas quais a pesquisadora participou enquanto psicoterapeuta	Compreender a relação terapêutica em ambiente virtual
COSTA, 2021.	Gestalt-Terapia	Foram analisadas sessões de psicoterapia nas quais a pesquisadora participou enquanto psicoterapeuta	Discutir o corpo do terapeuta no processo clínico <i>on-line</i>
TORRES ET AL., 2022.	Terapia Cognitivo Comportamental	Foram realizadas 12 sessões <i>on-line</i> de TCC de Habilidades de Enfrentamento	Avaliar a AT no tratamento de dependentes de álcool
FELIÓ ET AL., 2023	Psicoterapia Psicanalítica	Foram realizadas 24 sessões de psicoterapia	Descrever o processo da AT ao longo do tratamento <i>on-line</i>

Fonte: elaboração própria, 2023.

Seguindo os critérios de inclusão deste estudo, oito pesquisas publicadas em periódicos brasileiros foram escolhidas para compor o corpus de análise. Um breve detalhamento de cada estudo será apresentado, seguindo a ordem cronológica de publicação. (PIETA, 2014)

Na obra intitulada *Psicoterapia pela internet: a relação terapêutica*, Pieta (2014) apresenta estudos teóricos e empíricos acerca da relação terapêutica e a evolução dos pacientes na psicoterapia realizada pela internet. No estudo, oito psicólogas ofereceram 12 (doze) sessões de psicoterapia com viés psicanalítico a 24 (vinte e quatro) pacientes randomizados em duas condições: 12 (doze) pacientes foram atendidos via *Skype* e os outros 12 (doze) foram atendidos presencialmente.

É válido ressaltar que, no período em que o estudo apresentado fora realizado, a psicoterapia on-line não era autorizada pelo Conselho Federal de Psicologia, o que torna o estudo um dos pioneiros no Brasil sobre a temática da aliança terapêutica no contexto on-line, já que, na época da pesquisa, pouquíssimos eram os estudos sobre essa temática no país.

No decorrer da investigação, a autora explora e expõe os recursos e os limites dessa modalidade de atendimento ressaltando as suas implicações para a relação terapêutica e a efetivação do tratamento psicoterapêutico. Para Pieta (2014), “a relação terapêutica na psicoterapia pela Internet pode equivaler à da psicoterapia presencial e tratamentos online mostram-se efetivos”. Segundo resultados apresentados pela mesma autora, é verificado que enquanto recurso, a psicoterapia on-line: “facilita a expressão do paciente; introduz reformulações ao conceito de presença; a presença online mostra-se segura”. Já enquanto limitação, Pieta (2014) ressalta através de seus resultados: “O atendimento online seria contraindicado para pacientes psicóticos e borderlines; A terapia pelo Skype pode suscitar apreensão devido ao que corre no senso popular sobre a não confiabilidade das relações na Internet”.

Os resultados apresentados procedem da comparação realizada das doze sessões de psicoterapia psicanalítica por intermédio do aplicativo Skype com doze sessões de psicoterapia psicanalítica presencial. Para avaliar a aliança terapêutica e os resultados do tratamento, Pieta (2014) faz uso de um delineamento experimental enquanto método de investigação para a comparação dos dois tipos de tratamento. Os instrumentos utilizados para mensurar tais particularidades foram o Working Alliance Inventory – WAI (HORVATH, GREENBERG, 1989), versão autorizada em português produzida por Machado e Abreu (1996) e o Outcome Questionnaire (OQ-45) (LAMBERT et al., 1996), versão em português produzida por Carvalho e Rocha (2009).

As sessões de psicoterapia da pesquisa preconizada pela autora em questão ocorreram uma vez por semana e indicaram que “a aliança apresentou um crescimento estável – pouca mudança - ao longo do tratamento nos grupos online e presencial, com pontuação alta de pacientes e terapeutas nos três tempos em que foi medida” (PIETA, 2014). A mesma autora completa que “não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos online e presencial, quanto aos resultados do OQ-45, indicando que os pacientes progrediram de forma semelhante nos dois tipos de tratamento”.

As impressões iniciais para a modalidade de atendimento psicoterápico on-line neste estudo são promissoras. Para Pieta (2014), as informações obtidas nos dois grupos investigados são semelhantes, e conclui que não existem divergências significativas entre a psicoterapia psicanalítica on-line e a psicoterapia presencial quanto à aliança de trabalho e os resultados obtidos no tratamento.(RODRIGUES, 2014)

No estudo Aliança terapêutica na psicoterapia breve online, Rodrigues (2014) avaliou a aliança terapêutica em atendimentos psicológicos realizados unicamente pela internet utilizando dois instrumentos: o Inventário de Aliança Terapêutica (Working Alliance Inventory – WAI), que avalia a relação terapêutica de forma ampla e o Questionário de Avaliação de Sessão (Session Evaluation Questionnaire – SEQ), que avalia a qualidade de cada sessão terapêutica a partir de respostas fechadas (RODRIGUES,2014). No decorrer de sua análise, a autora

traz diversas perspectivas. Segundo Rodrigues (2014), em um dos casos avaliados, o atendimento on-line evitou que o processo depressivo de uma paciente atendida durante o estudo se agravasse, bem como possibilitou autonomia frente a questões levantadas no processo terapêutico ocorrido de forma remota. A pesquisadora aponta, ainda, que a terapia via internet foi mais conveniente, para uma das participantes, pois, segundo o relato da participante, existe a redução da pressão de estar em um consultório (RODRIGUES, 2014).

Frente a essas perspectivas, entende-se que a psicoterapia on-line, apresenta, também, como avanço, a possibilidade de reduzir o sofrimento da pessoa que busca ser atendida nessa modalidade, igualmente confere comodidade, pois, não há a necessidade de estar em um consultório e vivenciar todo o contexto atrelado a esse ambiente.

De acordo com a autora, é possível o terapeuta perceber o estado de humor e disposição orgânica dos pacientes, mesmo existindo longitude física e sendo uma sessão virtual on-line. Pontua que, para que isso ocorra, o terapeuta necessita estar verdadeiramente “presente” na sessão.

Compreende-se que, apesar das particularidades existentes na psicoterapia de modo on-line, há a possibilidade de o terapeuta perceber e interpretar a dinâmica que ocorre com seus pacientes, para isso, é de suma importância que o psicólogo tente canalizar toda a sua atenção para o atendimento a ser realizado e que se evitem possíveis distrações que possam vir a dificultar essa percepção acerca de seus pacientes.

Ter a viabilidade de proceder com as sessões, mesmo em viagens, estando paciente e terapeuta em cidades ou estados diferentes, somando à economia de tempo e dinheiro – já que é dispensada a locomoção no trânsito e gastos com combustível e estacionamento –, além da comodidade por estar em um ambiente que é de rotina ao paciente, não se preocupar com roupas e maquiagens, são algumas das percepções obtidas por Rodrigues (2014) no decorrer das sessões psicoterápicas realizadas na pesquisa.

Entretanto, não somente perspectivas favoráveis são percebidas por meio deste estudo. Rodrigues (2014) traz apontamentos no que diz respeito a adversidades compreendidas por meio de seu estudo, como: não conseguir manifestar o que sentem no formato on-line, por preferirem o contexto clínico “mais tradicional”, referindo-se à clínica presencial; a ausência de contato visual e físico na psicoterapia on-line; a inovação do campo on-line, trazendo consigo a perspectiva de algo novo e desconhecido, o que pode gerar inseguranças quanto ao processo; e o estado psicoemocional do paciente podem vir a ser um fator desfavorável para o andamento nessa modalidade de atendimento.

Diante dos estudos da autora mencionada, é relevante destacar a importância do profissional psicólogo que irá realizar seus atendimentos na modalidade on-line, avaliar a dinâmica e demanda da pessoa a ser atendida, pois entende-se que, a depender de alguns casos e particularidades do indivíduo, existirá a inviabilidade de realizar o tratamento remotamente.

Rodrigues (2014) aponta que foi perceptível o comprometimento e a seriedade das pacientes em seu estudo, no que diz respeito ao processo terapêutico on-line. Completa, afirmando que a construção de aliança terapêutica em atendimentos on-line apresenta as mesmas adversidades e as mesmas

possibilidades vividas nos atendimentos presenciais, todavia, para a autora, não se pode desconsiderar que certas técnicas ou certos métodos já testados e definidos como seguros na prática presencial não se podem, por ora, serem utilizados em atendimentos on-line.

Rodrigues (2014) conclui, em seu estudo, que ocorreu a instalação da aliança terapêutica em todos os casos e declara a manifestação de profundidade e suavidade na maior parte do tempo das sessões. O estudo constatou a praticidade e comodidade como as principais propriedades desse tipo de atendimento psicológico, todavia, a autora completa afirmando que um dos aspectos mais desagradáveis da vivência foram os percalços com a conexão de internet. Para Rodrigues (2014, p. 08), “[...] a construção da relação terapêutica em atendimentos online síncronos é muito semelhante à presencial, tanto em suas vantagens quanto em seus desafios”.(FARIA, 2019)

Na pesquisa Constituição do vínculo terapêutico em psicoterapia online: perspectivas gestálticas, Faria (2019) descreve e caracteriza o vínculo terapêutico na psicoterapia on-line breve gestáltica. Para avaliar tal fenômeno, Faria (2019) realizou em seu estudo um processo de psicoterapia breve com três mulheres, sendo duas com 25 sessões e uma com 16 sessões, por vídeo chamada, chat de texto.

A pesquisadora conclui que os resultados da pesquisa são promissores, pois duas das três clientes que participaram da pesquisa conseguiram adaptar-se à nova modalidade, não notaram grandes diferenças em relação ao atendimento presencial, em sua totalidade relataram que seus objetivos iniciais para a psicoterapia foram totais ou parcialmente alcançados e, na visão de terapeuta da pesquisadora, as interferências tecnológicas não prejudicaram o estabelecimento do vínculo terapêutico. (VIDAL; CASTRO 2021)

Na pesquisa denominada Transmitindo conexões: a construção do vínculo psicoterápico no psicodrama bi pessoal on-line, Vidal e Castro (2021) buscaram compreender a construção do vínculo psicoterápico no psicodrama bi pessoal on-line. Segundo Vidal e Castro (2021, p.128), “o psicodrama é uma das abordagens de trabalho em psicoterapia, que foca nas relações e vínculos humanos”. O presente trabalho trata de um artigo de pesquisa-ação, intermediado por um estudo de caso de uma mulher de 20 anos, que procurou uma das pesquisadoras para um tratamento psicoterápico on-line, no qual foi analisado pelas pesquisadoras, as cinco primeiras sessões de duração de 50 minutos. Para as autoras, o vínculo em psicoterapia se forma antes mesmo do paciente chegar ao psicoterapeuta. E complementam afirmando que as informações on-line que a paciente obteve quando teve a indicação da psicoterapeuta e da conversa tida entre as duas, por meio de aplicativo de mensagens, acabam sendo parte do vínculo (VIDAL; CASTRO, 2021).

Posterior a essa afirmação, e após a análise das cinco sessões realizadas, por Vidal e Castro (2021, p.127), entendem que o vínculo no psicodrama on-line manifesta diferenças em relação ao presencial, e exemplificam: “restrição de ação corporal entre diretor e protagonista, o que gera a necessidade da busca de outras maneiras de comunicar e propiciar o acolhimento”. Entretanto, Vidal e Castro (2021, p. 127) evidenciam que “são muitas as contribuições psicodramáticas no desenvolvimento deste, tanto da teoria (visão de homem e de mundo) quanto também das técnicas psicodramáticas”. As autoras concluem que podem existir

algumas diferenças no psicodrama on-line com relação ao presencial e recomendam a realização de mais pesquisas sobre relatos de vivências com a comunidade psicodramática no que diz respeito ao contexto on-line. (NERY, 2021)

Na pesquisa nomeada Psicodrama e métodos de ação on-line: teorias e práticas, Nery (2021) expõe um estudo de práticas psicoterápicas e socioterápicas elaboradas em um ambiente virtual, no período da pandemia da Covid-19. Sobre as práticas socioterápicas no psicodrama, Nery (2021, p.108) informa que a prática socioterápica “diz respeito às estruturas sociométricas invisíveis relativas às interações afetivas, como o átomo social e as redes psicossociais”.

Nesse estudo, foram efetuados métodos de ação on-line, dentre eles: Sociodramas, psicodramas, jogos dramáticos e teatros espontâneos (NERY, 2021). A autora teve como objetivo avaliar diversas particularidades desse processo, aqui será relatada a percepção de Nery (2021) no que diz respeito ao vínculo terapêutico virtual.

Foi realizada uma pesquisa-ação, de encontros sociátricos on-line, nos quais a pesquisadora participou ou realizou. No que tange ao vínculo terapêutico on-line, a autora do estudo conclui que “a unidade funcional, as funções de ego-auxiliar e de liderança do diretor ampliam, no ambiente digital, o compartilhar terapêutico que ocorre por meio do entrecruzamento de cenas, personagens e sentimentos” (NERY, 2021).

No estudo, são retratadas as percepções acerca do vínculo terapêutico, pois é um fator que está atrelado diretamente com o estabelecimento da aliança terapêutica. No estudo da autora, temos ênfase em diversos outros aspectos nas práticas psicoterápicas e socioterápicas on-line, o que resulta, em poucos dados, acerca do estabelecimento do vínculo terapêutico on-line. (COSTA, 2021).

No estudo intitulado O corpo do terapeuta no atendimento on-line: afetos produzidos na experiência clínica, Costa (2021) busca entender os afetos produzidos na experiência clínica (COSTA, 2021). Para que exista a possibilidade de estabelecimento de vinculação nesse processo, a autora do estudo ressalta que o relacionamento clínico irá afetar ambos, tanto o psicoterapeuta quanto o paciente, e diz ser necessário ter confiança entre a dupla, que ultrapasse conhecimentos teóricos e técnicos.

A pesquisadora percebe que ampliar a relação terapêutica para o encontro remoto é, antes de qualquer coisa, outra forma da prática clínica, mas não menos possível e não menos intensa. Estar disponível nesse encontro com o outro, segundo a pesquisadora, é estar presente e atento à forma que ele se apresenta e como a experiência nesse campo virtual afeta a ambos. Costa (2021) analisa que o contexto virtual não se contrasta ao real (aqui é compreendido o termo “real” ao contexto do atendimento presencial), mas vai ao encontro do início de muitas possibilidades, no qual o corpo do terapeuta é um instrumento essencial nesse processo, e finaliza ressaltando que é justamente o terapeuta que deve assegurar o suporte necessário ao encontro e ao crescimento do que Costa (2021) denomina de consulente. “Se por um lado o atendimento on-line nos afasta do corpo físico, por outro lado ele nos aproxima da intimidade da casa e/ou do local escolhido do consulente” (p. 37). A autora expõe que ampliar a relação terapêutica para o encontro virtual é uma outra forma de prática clínica, mas não menos possível e não menos intensificada como pode ocorrer na relação terapêutica presencial. (TORRES ET AL, 2022)

Na obra nomeada Aliança terapêutica e adesão à Terapia Cognitivo comportamental na modalidade online para dependentes de álcool, Torres et al. (2022) estudaram a aliança terapêutica e a adesão à terapia cognitivo Comportamental na modalidade on-line para dependentes de álcool. O artigo mencionado propôs avaliar a aliança terapêutica no tratamento de dependentes de álcool que aderiram (n=13) e que não aderiram (n=8) à TCC por videoconferência. Torres et al. (2022) incluíram 21 clientes de diferentes regiões do Brasil, que realizaram 12 sessões on-line de TCC de Habilidades de Enfrentamento com três terapeutas em dois estudos clínicos. O primeiro estudo tratou-se de um ensaio clínico randomizado com o propósito de avaliar a efetividade da psicoterapia por videoconferência para transtorno por uso de álcool (TUA), na esfera ambulatorial. O segundo estudo de Torres et al. (2022) relata a pesquisa de um único grupo que objetivou analisar a possibilidade e a aceitabilidade da psicoterapia por videoconferência.

O artigo das autoras traz subsídios para o entendimento da aliança terapêutica, especificamente na população brasileira. Torres et al. (2022) afirmam que não foram identificadas pesquisas que se assemelhavam à que é apresentada. Os autores afirmam que foi possível verificar a possibilidade de estabelecimento da aliança e sua manutenção no decorrer do tratamento. Notou-se ainda que: “a aliança apresentou um curso dinâmico, variando ao longo das sessões, conforme também é verificado na psicoterapia presencial” (TORRES et al., 2022, P.8).

As pesquisadoras afirmam que as médias mais elevadas de aliança foram encontradas no grupo que aderiu ao tratamento. Demonstrando que esse pode ser um elemento de importância para a inserção do paciente na terapia. Complementam ainda que, apesar do resultado identificado não permitir conclusões assertivas a respeito de tal relação, esse resultado indica a necessidade de maiores informações do papel da aliança terapêutica na psicoterapia por videoconferência (TORRES et al., 2022).

Por fim, Torres et al. (2022) concluem que a investigação se dá no sentido de direcionar o entendimento da AT com a TCC de forma on-line. Os autores reforçam a preocupação com as poucas pesquisas nessa área. “Os resultados aqui apresentados fornecem evidências iniciais sobre o estabelecimento da aliança na TCC por videoconferência, demonstrando que ela se mantém ao longo do tratamento”. (FEIJÓ ET AL. (2023)

Na pesquisa denominada Processo da aliança terapêutica em um caso bem-sucedido de psicoterapia psicodinâmica on-line para ansiedade, Feijó et al. (2023) realizam um estudo de caso sistemático. Participaram da pesquisa uma terapeuta de orientação psicanalítica e uma paciente. O tratamento foi constituído de 24 (vinte e quatro) sessões on-line, as quais foram gravadas e transcritas. Ao longo do trabalho, os autores ressaltam que a aliança terapêutica não é estática e cristalizada, e que pode ser dinâmica e mudar no decorrer do processo psicoterapêutico. Feijó et al. (2023) afirmam que, de maneira geral, existiu uma relação de colaboração mútua entre a dupla terapêutica: “No âmbito geral, o tratamento foi caracterizado como colaborativo e, em termos da AT, com altos valores [...]” (p.127).

Os dados obtidos por Feijó et al. (2023) indicam que a negociação da aliança terapêutica é essencial para a evolução do tratamento e que o psicoterapeuta deve estar alerta às variações mais sutis para que medidas de

reparações sejam executadas, a fim de manter uma aliança terapêutica concreta ao longo do tratamento.

1. CONCLUSÕES

O presente trabalho buscou identificar produções brasileiras que investigassem a aliança terapêutica on-line. Essa revisão se propôs igualmente a apontar contribuições relevantes sobre essa prática que está em ascensão em nosso país. A partir dos resultados obtidos nesta revisão de literatura acerca das produções realizadas no Brasil, constatou-se a escassez de investigações com a temática abordada.

Nos estudos de Pieta (2014) e Faria (2019), as pesquisadoras concluem, a partir dos resultados, que não existem diferenças significativas entre o tratamento on-line e o presencial e que é possível ser estabelecida a aliança terapêutica na modalidade on-line, tal qual em uma psicoterapia presencial. Já na pesquisa de Nery (2021), a pesquisadora discute sobre a necessidade de pesquisas sobre a aliança terapêutica no atendimento virtual em comparação com a presencial, trazendo a indagação de que no atendimento on-line talvez precise existir uma maior disponibilidade do “diretor” do aquecimento (a pesquisa retrata a aliança terapêutica na psicoterapia on-line com psicodrama), influenciando diretamente no estabelecimento da AT. Contribuindo com as recomendações de Nery (2021), as pesquisadoras Vidal e Castro (2021) concluem que uma diferença na psicoterapia on-line para a presencial, no que diz respeito ao estabelecimento de vínculo (AT), se encontra na restrição corporal entre o “diretor” (psicoterapeuta) e “protagonista” (paciente/cliente).

É relevante pensar sobre os resultados apresentados pelos estudos neste artigo e como os elementos identificados podem trazer contribuições importantes para o estudo apresentado e para novas pesquisas. Os dois primeiros trabalhos apontados, que falam sobre as semelhanças na AT nas modalidades presencial e on-line, e os dois últimos, que apontam sobre algumas diferenças, trazem metodologias de investigação e de aplicabilidade diferentes. Apesar dos estudos realizarem leituras com diferentes abordagens psicológicas (Psicodinâmica, Gestalt-Terapia e Psicodrama), é notável o desenvolvimento da aliança terapêutica na psicoterapia on-line. O que chama a atenção é que, em nenhuma das pesquisas, existe a ênfase em diversas abordagens utilizadas pelos psicoterapeutas no mesmo estudo. Todos os estudos trazem direcionamentos para abordagens específicas.

A partir dessas considerações, levanta-se a seguinte indagação: não poderiam existir pesquisas que investigassem psicólogos psicoterapeutas de diferentes abordagens psicológicas para trazer dados mais amplos sobre como os profissionais percebem e entendem este fenômeno da AT na psicoterapia on-line?

Rodrigues (2014) aponta, enquanto lacuna em seu estudo, ter investigado uma amostra pequena, impedindo de ser realizado inferências quantitativas neste, e complementa recomendando estudos com amostras maiores. A limitação no fator amostra se faz presente nos demais estudos apresentados nesta revisão de literatura. E nos leva a mais questionamentos. Será que a partir de uma amostra maior de participantes, os dados e percepções acerca do estabelecimento da AT na psicoterapia on-line não trariam um maior entendimento sobre esse

fenômeno? Trazer interpretações quantitativas acerca de dado fenômeno pode nos possibilitar maiores afirmativas e respostas para o objeto dessa investigação.

Dos oito trabalhos identificados (PIETA, 2014; RODRIGUES, 2014; FARIA, 2019; VIDAL e CASTRO, 2021; NERY, 2021; COSTA, 2021; TORRES et al., 2022; FEIJÓ et al., 2023), somente quatro trabalhos fazem uso de instrumentos específicos para avaliação da aliança terapêutica on-line (PIETA, 2014; RODRIGUES, 2014; TORRES et al., 2022 e FEIJÓ et al., 2023), os demais trabalhos fazem análises descritivas e comparativas acerca das sessões através de alguma teoria psicológica.

Nesse sentido, é percebido que os estudos em que foram utilizados instrumentos reconhecidos pela literatura para a validação da AT obtiveram dados complementares e enriquecedores, nos quais é identificado como uma limitação para as conclusões nas pesquisas sobre a AT na psicoterapia on-line nos estudos em que não foram utilizados alguns destes instrumentos.

Outro fator importante que chama a atenção é a carência de pesquisas realizadas no Brasil. Foram encontrados apenas oito estudos: três foram desenvolvidos na região sul do país, dois no distrito federal, dois na região sudeste e somente um estudo na região norte. Não foram encontrados estudos realizados na região nordeste do país. Esses dados chamam a atenção para a necessidade de compreensão desse fenômeno em outras regiões brasileiras, pois as diferenças sociais, culturais, econômicas, dentre outras, divergem de inúmeras formas.

Tendo em vista tudo o que foi apresentado até o momento, este trabalho buscou identificar o que as produções brasileiras falam sobre a aliança terapêutica na psicoterapia on-line. Percebe-se uma escassez de resultados, bem como amostras pequenas em todos os estudos encontrados. Levanta-se a importância do uso de instrumentos de coleta de dados metodológicos para a complementação e o enriquecimento do levantamento e da análise dos dados obtidos, bem como a investigação acerca de como as diferentes teorias psicológicas percebem esse fenômeno, pois não foram encontrados estudos brasileiros que trouxessem essa metodologia de investigação.

The therapeutic alliance in online psychotherapy: a systematic literature review abstract

ABSTRACT

The therapeutic alliance (TA) is a universal construct in all psychotherapies, regardless of the psychological approach used by the psychotherapist. This article focused on the therapeutic alliance in online psychotherapy. Studies have shown the importance of the therapeutic alliance factor in the psychotherapeutic process, which is an essential factor for the success of psychotherapeutic treatment. A literature review was carried out, with the aim of identifying and analyzing research carried out in Brazil on the proposed theme. Eight studies that met the inclusion criteria of this review were selected. The literature review indicates that research in Brazil on TA in online psychotherapy is currently scarce. And all the studies presented report that the possibility of establishing TA in remote care is promising, however, most of the materials obtained recommend further investigations about this practice.

KEYWORDS: Therapeutic alliance. Online psychotherapy. Literature review.

REFERÊNCIAS

Beck AT, Rush AJ, Shaw BF, Emery G. Cognitive therapy of depression. New York: Guilford; 1979. Edição em português: Beck AT, Rush AJ, Shaw BF, Emery G. Terapia cognitiva da depressão. Porto Alegre: Artmed; 1997.

BOTELLA, Luis; CORBELLA, Sergi. Alianza terapéutica evaluada por el paciente y mejora sintomática a lo largo del proceso terapéutico. Boletín de psicología, v. 101, n. 1, p. 21-33, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/download/40181964/Alianza_terapeutica_evaluada_por_el_paciente_20151119-7994-1huzdaa.pdf. Acesso em: 02 jul. 2022.

BOWLBY, John. Apego e Perda: apego - a natureza do vínculo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. (Trabalho original publicado em 1969).

BOWLBY, J. (1997). Formação e rompimento dos laços afetivos (3a ed.). São Paulo: Martins Fontes.

BOWLBY, J. (1989). Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego (S.M.Barros, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.

CORDIOLI, Aristides Volpato. Psicoterapias: abordagens atuais. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

COSTA, Cléa Maria Alonso da. O Corpo do Terapeuta no Atendimento On-line: afetos produzidos na experiência clínica. 2021. 65 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

EIZIRIK, Cláudio Laks; DE AGUIAR, Rogério Wolf; SCHESTATSKY, Sidnei S. Psicoterapia de Orientação Analítica: fundamentos teóricos e clínicos. Artmed Editora, 2015.

FARIA, Gabriela Moreira de. Constituição do vínculo terapêutico em psicoterapia online: perspectivas gestálticas. Rev. NUFEN, Belém, v. 11, n. 3, p. 66-92, dez. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912019000300006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 04 mar. 2023. <http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol11.nº03artigo59>.

FEIJÓ, Luan Paris *et al.* Processo da aliança terapêutica em um caso bem-sucedido de psicoterapia psicodinâmica on-line para ansiedade. Ces Psicología, [S.L.], v. 16, n. 1, p. 111-131, 13 fev. 2023. Universidad CES. <http://dx.doi.org/10.21615/cesp.6339>.

FREUD, Sigmund. A dinâmica da transferência. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud - Vol.12.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA: conceituação, produção e publicação. *Logeion: Filosofia da Informação*, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 57-73, 15 set. 2019. *Logeion Filosofia da Informacao*. <http://dx.doi.org/10.21728/logcion.2019v6n1.p57-73>. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4835>. Acesso em: 12 mar. 2023.

GILLIERON, Edmond. *As Psicoterapias Breves*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1986.

HORVATH, A. O. Empirical validation of Bordin'spantheoretical model of the alliance: The working allianceinventory perspective. In A. O. Horvath, & L. Greenberg (Eds.), *The working alliance: Theory, research, and practice*. (pp. 85 – 108). Nova York: John Wiley & Sons (1994).

HORVATH, Adam O.; LUBORSKY, Lester. The role of the therapeutic alliance in psychotherapy. *Journal Of Consulting And Clinical Psychology*, [S.L.], v. 61, n. 4, p. 561-573, 1993. American Psychological Association (APA). <http://dx.doi.org/10.1037/0022-006x.61.4.561>.

MACHADO, D. B.; EIZIRIK, C. L. Uma breve revisão das revisões e metanálises sobre aliança terapêutica. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, v. 18, n. 1, p. 1-12, 2016.

MARCOLINO, J. A. M.; IACOPONI, E. Escala de Aliança Psicoterápica da Califórnia na versão do paciente. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 23, n. 2, p. 88-95, 2001

NERY, Maria da Penha. PSICODRAMA E MÉTODOS DE AÇÃO ON-LINE: teorias e práticas. *Revista Brasileira de Psicodrama*, [S.L.], v. 29, n. 2, p. 107-116, 24 abr. 2021. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.15329/2318-0498.00442_pt. Disponível em: <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/442/460>. Acesso em:15 fev. 2023.

NUNES, Demétrius Paiva *et al.* Fatores do Psicoterapeuta e do Paciente na construção da Aliança Terapêutica nas psicoterapias de orientação analítica e cognitivo-comportamental. *Revista do Serviço Integrado de Saúde, do Curso e Mestrado Profissional em Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul*, v. 2, n. 4, p. 25-47, out. 2019.

OLIVEIRA, Natacha Hennemann; BENETTI, Sílvia Pereira da Cruz. Aliança terapêutica: estabelecimento, manutenção e rupturas da relação. *Arq. Bras. Psicol.* Rio de Janeiro, v. 67, n. 3, p. 125-138, 2015. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180952672015000300010&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 18 mar. 2022.

PERES, Rodrigo Sanches. Aliança terapêutica em psicoterapia de orientação psicanalítica: aspectos teóricos e manejo clínico. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 26, ed. 3, p. 383-389, 11 set. 2009. DOI <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2009000300011>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/F3N4ZSSfpBRVsYfr5bJWrzt/?lang=pt#>. Acesso em: 11 mar. 2022.

PIETA, Maria Adélia Minghelli. *Psicoterapia pela internet: a relação terapêutica*. 2014. 167 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

PIETA, M. A. M; GOMES, W. B. G. Impacto da relação terapêutica na efetividade do tratamento: o que dizem as metanálises? *Contextos Clínicos*, v. 10, n. 1, p. 130-143, 2017.

RIBEIRO, Eugénia. *Aliança terapêutica: da teoria à prática clínica*. 2. ed. Braga: Psiquilíbrios, 2019. 181 p. Coleção Psicologia Clínica.

RODRIGUES, Carmelita Gomes. *Aliança terapêutica na psicoterapia breve online*. 2014. 96 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia Clínica, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

ROGERS, C. *Psicoterapia e relações humanas: Teoria e prática da terapia não-diretiva*. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

TORRES, Ana Paula Fernandes *et al.* Aliança terapêutica e adesão à Terapia Cognitivo Comportamental na modalidade online para dependentes de álcool. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, [S.L.], v. 18, n. 1, p. 4-13, jun. 2022. GN1 Sistemas e Publicações Ltda. <http://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20220004>. Disponível em: http://www.rbtc.org.br/detalhe_artigo.asp?id=345. Acesso em: 07 fev. 2023.

VIDAL, Gabriela Pereira; CASTRO, Amanda. TRANSMITINDO CONEXÕES: a construção do vínculo psicoterápico no psicodrama bipessoal on-line. *Revista Brasileira de Psicodrama*, [S.L.], v. 29, n. 2, p. 127-137, 24 abr. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.15329/2318-0498.21877>. Disponível em: <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/480/463>. Acesso em: 25 fev. 2023.

Recebido: 06/27/2023

Aprovado: 30/12/2023.

DOI: 10.3895/recit.v14i35.17186

Como citar: MIRANDA, J. M.; CLASTA, N. C.R. A. DOS S.; FEITOSA, F. B. A aliança terapêutica na psicoterapia on-line: uma revisão sistemática de literatura. R.Cient. Inov. Tecnol, Medianeira, v. 14. n. 35, p 45- 59 set/dez 2023 .Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/recit>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Jeanine Moscone de Miranda

Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Rondônia..

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0 Internacional.

